



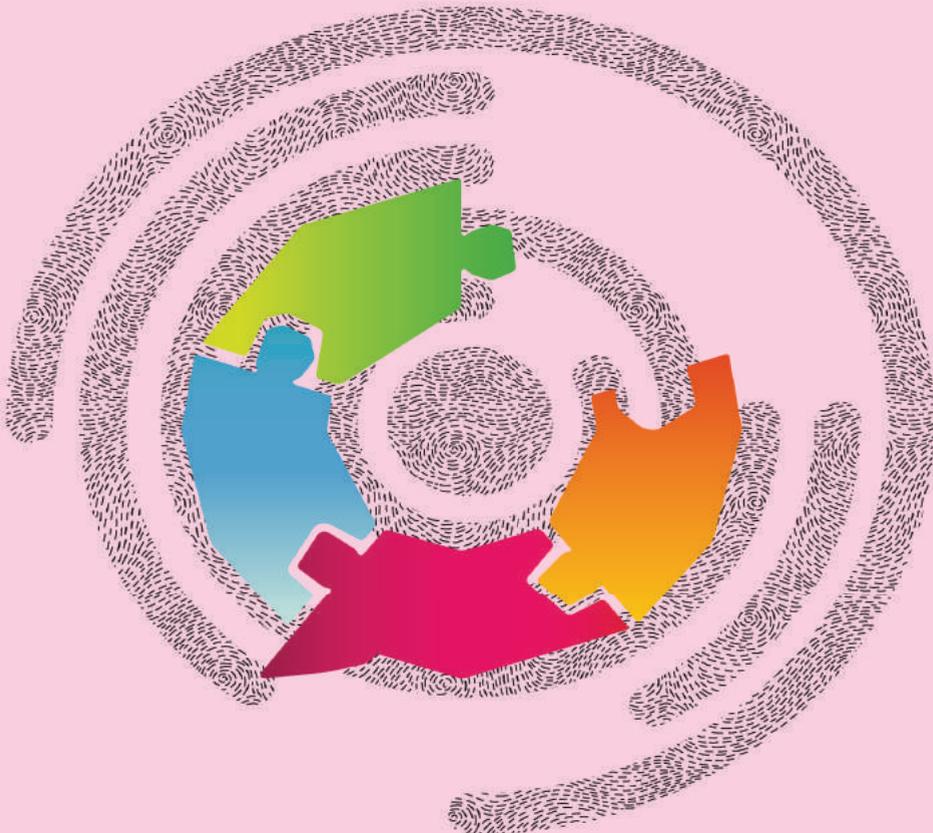
Actas

Proceedings

Colóquio Internacional Epistemologias do Sul:
aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul

International Colloquium Epistemologies of the South:
South-South, South-North and North-South global learnings

Boaventura de Sousa Santos e Teresa Cunha (eds)



Volume 3

Outras economias / Other economies

Junho - June 2015

PROPRIEDADE E EDIÇÃO / PROPERTY AND EDITION

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra
www.ces.uc.pt
Colégio de S. Jerónimo, Apartados 3087
3000-995 Coimbra – Portugal
Tel: +351 239 855573/ + 351 239 855589

ISBN: 978-989-95840-5-1

Capa e projecto gráfico / Cover and graphic design

Cristiana Ralha

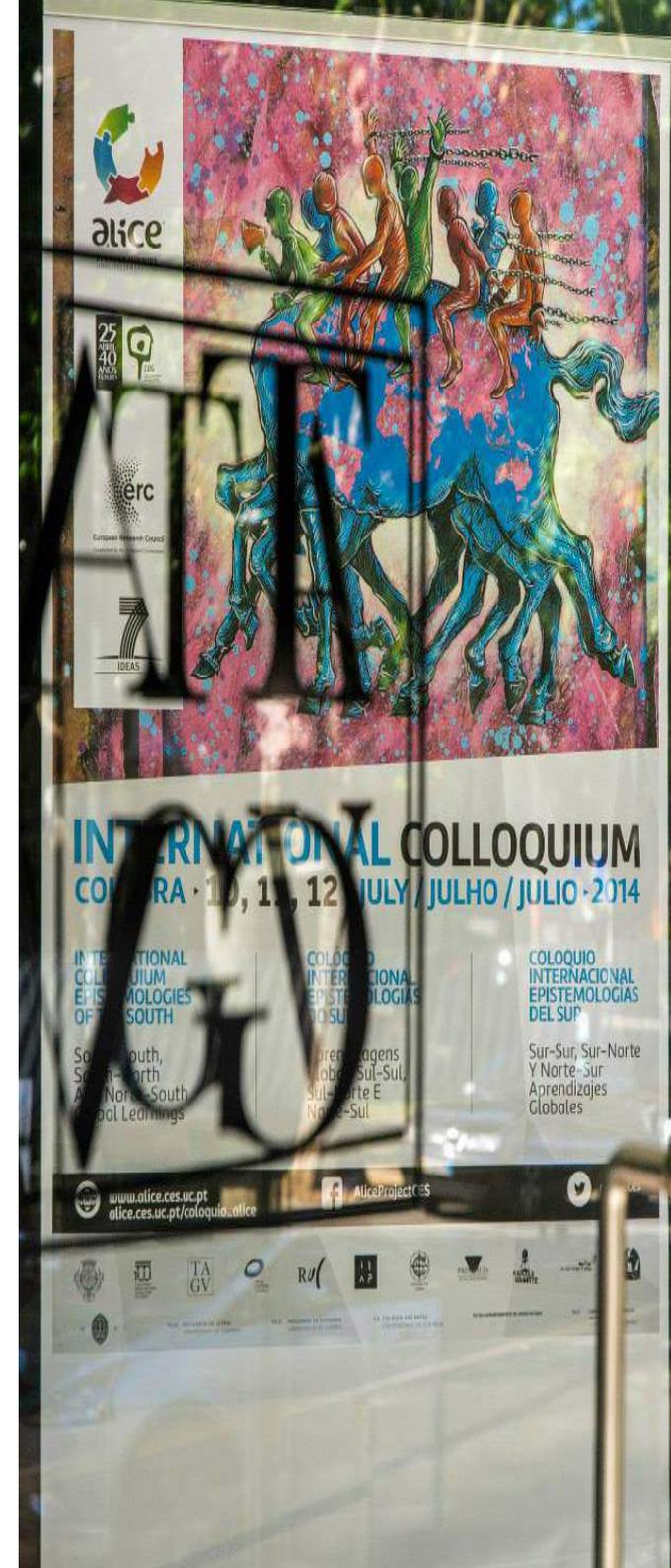
Coimbra, Junho, 2015

COMISSÃO CIENTÍFICA DO COLÓQUIO / SCIENTIFIC COMMITTEE

Boaventura de Sousa Santos
José Manuel Mendes
Maria Paula Meneses
Élida Lauris
Sara Araújo

COMISSÃO ORGANIZADORA DO COLÓQUIO / ORGANISING COMMITTEE

Alice Cruz
Aline Mendonça
André Brito Correia (Coord. do Programa Cultural / Cultural Programme Coord.)
Antoni Aguiló
Bruno Sena Martins
Catarina Gomes
Cristiano Gianolla
Dhruv Pande
Élida Lauris (Coord. Executiva / Executive Coord.)
Francisco Freitas
José Luis Exeni
Luciane Lucas dos Santos
Mara Bicas
Maurício Hashizume
Raúl Llasag
Rita Kacia Oliveira (Coord. Executiva / Executive Coord.)
Sara Araújo (Coord. Executiva / Executive Coord.)
Teresa Cunha



POR VONTADE DO AUTOR E DA AUTORA, ESTE TEXTO NÃO OBSERVA AS REGRAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO



alice



ces
Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra



erc
European Research Council

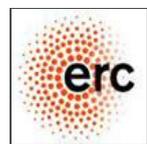


IDEAS

Foto / Photo
Rodrigo Reis

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Este livro, em quatro volumes, resulta de um esforço colectivo que envolveu várias instituições e muitas pessoas a quem queremos prestar o nosso profundo agradecimento.



Universidade de Coimbra



Colégio das Artes da Universidade



Departamento de Arquitetura da Faculdade



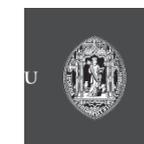
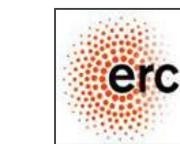
Escola da Noite / Teatro da



Faculdade de Economia da



Faculdade de Letras da



University of Coimbra



College of Arts of the University of



Department of Architecture of the Faculty



Escola da Noite / Teatro da



Faculty of Economics of the



Faculty of Arts and Humanities



Machado de Castro National



NES - Núcleo de Estudantes



NES - Sociology Student Body



RUC - Radio Universidade de



RUC - Radio Universidade de

Este livro de Actas foi elaborado no âmbito do projecto de investigação “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do Mundo”, coordenado por Boaventura de Sousa Santos (alice.ces.uc.pt), no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – Portugal. O projecto é financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação, 7º Programa Quadro da União Europeia (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].

INSTITUTIONAL ACKNOWLEDGMENTS

These Proceedings, in four volumes, would not have been possible without the kind support and help of many individuals and organizations. I would like to extend our sincere thanks to all of them.

This book of proceedings was elaborated as part of research project “ALICE – Strange Mirrors, Unsuspected Lessons: Leading Europe to a new way of sharing the world experiences”, coordinated by Boaventura de Sousa Santos (alice.ces.uc.pt), at the Centre for Social Studies of the University of Coimbra – Portugal. The project is financed by the European Research Council (ERC), 7th Framework Programme of the European Union (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].



Carlos Nolasco²

Resumo

O futebol constitui-se como um dos mais importantes fenómenos das sociedades contemporâneas. Em meados do século XIX converteu-se em atividade desportiva, com regras que uniformizaram a sua prática, com entidades que organizaram competições e competições que determinaram campeões. Através de mecanismos resultantes da dinâmica capitalista, a modalidade expandiu-se rapidamente por todo o mundo, adquirindo expressão hegemónica. Para além da dimensão desportiva, o futebol, tornou-se também argumento político, prática colonizadora, instrumento de totalitarismos, e jogo de estratégia económica.

Apesar das emoções hegemónicas do jogo, levantam-se questões que denunciam uma crise do futebol atual: o centralismo europeu; o *deskilling* dos países periféricos; a mercadorização dos jogadores; as questões do *fair play* financeiro; as condicionantes à competitividade; os megaeventos futebolísticos, entre outros assuntos. Com este texto pretende-se questionar o futebol contemporâneo, assinalar o esgotamento de algumas das suas dimensões, apontar possibilidades emancipatórias e alternativas à forma como acontece.

Palavras-chave: desporto; futebol; crise; alternativas; epistemologia

Abstract

Football is one of the most important phenomena of contemporary societies. In the mid-nineteenth century it became a sports activity, with rules that standardize their practice, with entities that organized competitions, and competitions that determined champions. Through mechanisms resulting from the capitalist dynamics, the modality expanded rapidly throughout the world, acquiring hegemonic expression. Apart the sporting dimension, football also became a political argument, a colonial practice, a totalitarian instrument, and an economic strategy game.

Despite the hegemonic emotions of the game, questions arise denouncing a crisis of the current football: European centralism; the deskilling of the peripheral countries; the commodification of players; the issues of financial fair play; the constraints to competitiveness; the football mega events, among other issues. With this paper we intend to question the contemporary football, mark the exhaustion of some of its dimensions, point the emancipatory possibilities and alternatives to the way it does.

Keywords: sport; football; crisis; alternative; epistemology

¹ Texto desenvolvido no âmbito da investigação de pós-doutoramento "A imigração de jogadores no desporto português", apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Referência: SFRH/BPD/95320/2013).

² Investigador de pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando o Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP). É doutorado (2013), mestre (1999) e licenciado (1993) em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Foi docente em diversas instituições de ensino superior, lecionado disciplinas no campo das Ciências Sociais, tendo ocupado cargos de direção e também em órgãos científicos e pedagógicos. Enquanto investigador, participou em projetos de investigação no CES. Tem como áreas de interesse a Sociologia das Migrações, do Desporto e do Direito.

INTRODUÇÃO

Afirmar a importância do futebol nas sociedades contemporâneas é uma evidência repetida à exaustão. Sendo o futebol uma das mais importantes manifestações da cultura de massas é fácil constatar o impacto que tem no cotidiano das sociedades e na vida dos indivíduos. Os eventos futebolísticos estão entre os programas com mais audiências televisivas, ocupando um espaço desmesurado nos meios de comunicação social, suscitando aceras discussões entre adeptos, convertendo jogadores em figuras públicas, concentrando atenção política, afirmando identidades como nenhum outro evento o faz nos tempos que correm. A demonstração dessa força global torna-se exacerbada durante as fases finais dos campeonatos do mundo, quando a vida social e individual parece ser raptada e monopolizada pelo jogo. Foi o que sucedeu no Campeonato do Mundo de 2014, realizado no Brasil, o qual teve uma audiência estimada de 3,5 mil milhões de espetadores, o que significa que metade dos habitantes do planeta olhou em algum momento para o evento. A propósito desta expressão quantitativa, Desmond Morris interrogava-se sobre o que pensaria um extraterrestre que viesse à Terra numa tarde de junho de 1978, e visse que um quarto da população do planeta estava concentrado num retângulo de relva, algures na América do Sul, onde 22 pessoas vestidas de forma garrida disputavam de forma delirante uma bola (Morris, 1981:7).³

No entanto, o reconhecimento da transcendência social do futebol não pode ser reduzido ao olhar encantado e romântico sobre o jogo, as jogadas e os jogadores. Para além da expressão lúdica/desportiva, o jogo transformou-se com as dinâmicas dos tempos e espaços em que é praticado, convertendo-se, por consequência, em algo mais do que um simples jogo de bola. Para além das potencialidades emancipatórias inerentes à ética e prática desportiva, o futebol metamorfoseou-se com a economia, adulterou-se com a política e frustrou-se com a violência, o racismo, a xenofobia e a discriminação sexual, entre outros aspetos. Torna-se por isso urgente um olhar crítico que questione a forma do futebol acontecer, as suas possibilidades e potencialidades, ou então a ausência das mesmas.

O texto que em seguida se apresenta resulta da observação e reflexão produzida na sequência de dois trabalhos de investigação que desenvolvi sobre o futebol enquanto fenómeno social. O primeiro abordou o futebol desde uma perspetiva da sociologia jurídica, considerando-se que este desporto possuía normas específicas, nomeadamente ao nível do direito do trabalho que, em confronto com o direito dos Estados, suscitava uma situação de pluralismo jurídico (Nolasco, 2001). O segundo trabalho investigou as transferências internacionais dos futebolistas como processos migratórios de mão-de-obra altamente qualificada, observando em concreto as entradas e saídas de jogadores no futebol português (Nolasco, 2013). Partindo desses trabalhos, e recorrendo às propostas da *epistemologia do sul* (Santos e Meneses, 2009), proponho um olhar crítico sobre o futebol, em particular o futebol de alta competição, que o perceba como produto de uma *modernidade ortopédica*, prática colonizadora, instrumento

³ Desmond Morris referia-se ao jogo da final do Campeonato do Mundo de 1978, realizado em Buenos Aires, disputado entre a Argentina e a Holanda.

de totalitarismos e jogo de estratégia capitalista.

O DESPORTO MODERNO COMO RESULTADO DO “PROCESSO ORTOPÉDICO” DA MODERNIDADE

O futebol, tal como hoje acontece enquanto atividade desportiva, teve origem no século XIX. A emergência do desporto, e concomitantemente do futebol, é consequência da grande transformação das sociedades tradicionais, rurais e religiosas, para as modernas sociedades industriais e urbanas. Dos ancestrais jogos populares, localizados, desorganizados, sem regras escritas nem qualquer entidade organizadora, que estavam intimamente associados às festividades religiosas e aos calendários agrícolas, emergiu o desporto moderno. Por analogia com o *processo civilizacional*, Norbert Elias e Eric Dunning (1992:59) referem-se a esta transição dos jogos antigos para o desporto contemporâneo como um *processo de desportivização*, ou seja, um processo que não foi determinado por nenhum facto singular, mas pela paulatina evolução que acompanhou o devir social.

Essa transformação é determinada pela modernidade iniciada no século XVI, a qual impôs-se através de vários procedimentos, sendo o mais eficaz a afirmação epistemológica do conhecimento científico. Progressivamente, a hegemonia epistemológica da ciência converteu-a no único conhecimento pretensamente válido e rigoroso, desprezando todas as outras formas de conhecimento que não se pautavam pelos cânones do positivismo científico (Santos, 1988:10). Com a crescente transformação da ciência em força produtiva do capitalismo, a partir do século XIX, ocorreu uma profunda transformação das sociedades.

O desporto, produto dessa modernidade, é então marcado por um conjunto de características sistematicamente inter-relacionadas, nomeadamente: a secularização na orientação das práticas; a igualdade na possibilidade de participação; a burocratização na administração e organização da modalidade; a especialização no sentido da diferenciação consoante as aptidões e as estratégias técnico-táticas; a racionalização não só do desempenho físico, mas também das regras para maior rentabilidade e espectacularidade; a quantificação que permite comparar marcas, resultados e desempenhos; a obsessão pelo *record* e o desafio em superá-lo (Guttmann, 1994:3 e ss.).

Todos estes elementos, referidos como características do desporto, estão inscritos na epistemologia das ciências modernas, constituindo-se como critérios de organização social. Elementos esses que vão contribuir para uma formatação “ortopédica” de todos os jogos pré-modernos. Ou seja, todos os jogos vão ser progressivamente reduzidos a marcos de racionalidade, motricidade e organização característicos do modelo de *sport*. Os jogos que subsistem ou aqueles que emergirão serão os que são marcados por essa formatação gradualmente mais organizada, burocratizada, institucionalizada, racionalizada, regulada, especializada e normalizada, como se pode constatar nas várias modalidades dos desportos modernos.

O futebol é um desses produtos ortopédicos da modernidade, no qual a dimensão lúdica do jogo quase que desapareceu sob a regulamentação institucional das associações, federações e confederações, pela racionalização técnica e tática em busca da maximização do rendimento desportivo, pela mecanização do desempenho dos jogadores, e pela gestão comercial e económica do jogo.

A HISTÓRIA COLONIAL DA DISPERSÃO DO FUTEBOL

O futebol surgiu num contexto onde se conjugaram a hegemonia epistemológica das ciências modernas com a força do capitalismo, e os consequentes processos de industrialização e urbanização. Sendo a Inglaterra o primeiro país a reunir as exigências de produtividade, mercado e lucro que permitiram a *take-off* industrial, é com naturalidade que aí se encontra a génese do desporto moderno, e do futebol em particular. Efetivamente, em 1863 representantes de vários clubes ingleses reuniram-se na Freemason's Tavern, em Londres, e determinaram o conjunto de 17 regras pelas quais o futebol viria a ser jogado (Goldblatt, 2008). Essa data reveste-se de enorme importância pois a normalização das regras promove a uniformidade de práticas, passando o jogo a ser disputado de forma idêntica em todos os locais, o que promove a sua dinâmica de globalização (Hödl, 2006).

A partir de então, o futebol rapidamente se expandiu pelo mundo. As malhas que o império britânico teceu, proporcionaram as vias de propagação do futebol. Segundo Lloyd Hill (2009:14), o termo “difusão” não é o mais adequado para caracterizar o modo como o futebol se disseminou, porque este não foi um processo natural de dispersão, mas a expressão de um sistema complexo de práticas que, para além da dimensão lúdica, comportou também uma expressão cultural, política e económica, intrinsecamente relacionada com o imperialismo inglês e a sua vasta área de influência. Assim, progressivamente, como se de um desenvolvimento civilizante se tratasse, todos os espaços que estavam em contacto com o império britânico foram adotando o modelo futebolístico inglês.

A Inglaterra significava modernidade, o conceito de *sportmen* traduzia a assunção dessa modernidade, daí a adesão incondicional ao modelo futebolístico que espelhava essas características. Por exemplo, a tradução inglesa do nome das cidades incorporadas nas designações dos clubes expressa essa influência anglófona: *Genoa FC*, *Naples FC*, *Royal Antwerp FC*, *AC Milan* e *Austria de Vienna*, *Grasshoppers* de Zurique, *Old Boys* de Basileia, *Young Boys* de Berna, *River Plate* e o *All Boys* de Buenos Aires, *The Strongest* de La Paz, *Corinthians* de São Paulo, *Liverpool* e *River Plate* de Montevideo.

Em pouco tempo, todos os espaços foram colonizados por esta prática desportiva. Os primeiros países a possuírem as suas próprias associações de futebol fora do Reino Unido foram a Holanda e Dinamarca em 1889, a Nova Zelândia em 1891, a Argentina em 1893, o Chile, a Confederação Helvética e a Bélgica em 1895, a Itália em 1898, a Alemanha e o

Uruguai em 1900, a Hungria em 1901, Noruega em 1902, e a Suécia em 1904.⁴ No entanto é de referir que em todos estes países, os primeiros jogos de futebol ocorreram muito antes da institucionalização da modalidade, o que demonstra a celeridade do processo de dispersão. Por exemplo, o primeiro jogo efetuado na Argentina ocorreu em 1867, e a criação da respetiva federação nacional só aconteceu 26 anos depois (Rinke, 2007:87). Processo idêntico ocorreu em Portugal, com a referência de que os primeiros jogos se realizaram entre 1875 e 1889 (Coelho e Pinheiro, 2002:50), e a federação nacional apenas foi fundada em 1914. A FIFA (Fédération Internationale de Football Association) seria fundada em 1904, e ainda que apenas com federações europeias, rapidamente teria representantes de outros continentes. Ou seja, em poucas décadas um jogo sistematizado em desporto adquiriu expressão global.

Neste processo de dispersão à escala global, o futebol constitui-se como um *localismo globalizado*, significando este conceito o modo de produção de globalização em que um fenómeno local se expande com sucesso por todo o mundo (Santos, 1997:16). O futebol é um desses localismos bem-sucedidos que, tendo origem num espaço local concreto, depressa se expandiu por todo o mundo de forma avassaladora. Assim, “das favelas do Brasil, aos campos improvisados do Soweto, passando pelos bairros populares de Rabat, São Petersburgo, Nápoles, Lagos, Beirute, Marselha, Teerão, Buenos Aires ou Liverpool, todos repetem o mesmo gesto e as regras deste desporto nascido há um século na Inglaterra” (Ramonet, 1998:6).

Neste processo de globalização, o futebol tornou-se um jogo hegemónico, adquirindo a capacidade de designar como local outros jogos. Desde logo, aquilo que se localizou foram os gestos e as regras dos jogos populares, que ao não se pautarem pelo ritual social dominante nem à imagem do desporto moderno, rapidamente foram convertidas em práticas folclóricas, com mero interesse etnográfico e aproveitamento turístico, ou então desapareceram simplesmente (Bambuck, 1996:93).

A imposição do futebol sobre outras práticas culturais e expressões lúdicas revela-se um exercício de colonização cultural, o qual se tornou evidente através dos efetivos processos de colonização, particularmente em África. Nesse âmbito, o futebol revelou-se instrumental no exercício do poder colonial, quer como veículo de transmissão das ideias, valores e práticas dos colonizadores, quer como fomento de laços de união com os colonizados. A adesão ao futebol por parte dos colonizados pode então ser interpretada como uma adesão aos valores dos colonizadores. Estas situações verificaram-se na generalidade das possessões coloniais dos impérios europeus. Nuno Domingos, para o caso moçambicano, assinala a forma como o futebol foi usado de forma instrumental para a manutenção do poder colonizador português, bem como afirmação de identidade e possível mobilidade dos colonizados (Domingos, 2006).

Em Portugal, nos anos 60, o futebol revelar-se-ia útil na afirmação do carácter excecional do colonialismo nacional. Quando se inicia a guerra colonial, e Portugal fica mais isolado

⁴ Informação recolhida na página web da FIFA, <http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html> [consulta a 15 de setembro de 2014].

no panorama político internacional, os futebolistas africanos em Portugal, migrantes de um processo colonialista, serviram para justificar uma ideia de império. As vitórias internacionais do futebol português nos anos 60, quer ao nível de clubes quer da Seleção Nacional, nas várias situações com equipas compostas por muitos jogadores africanos, dos quais se destacava Eusébio, serviu para o Estado rebater as acusações internacionais de colonialismo. Houve como que uma idealização do colonialismo e da nação através do futebol (Santos, 2004:82).

Na atualidade, pode identificar-se no futebol um estado de *colonialidade global*. Este conceito traduz a continuidade de práticas coloniais apesar da ausência de uma administração colonial (Grosfoguel, 2008:126), circunstância que no futebol é passível de ser identificada com os processos de transferências de jogadores, em particular africanos, para clubes europeus. Historicamente a transferência de jogadores africanos para a Europa, em particular das colónias francesas, portuguesas e belga para clubes das respetivas metrópoles, bem como a sua posterior utilização nas seleções nacionais desses países europeus, foi prática regular de uma explícita relação colonial (Lanfranchi e Taylor, 2001). Posteriormente, e já num contexto pós-colonial, em virtude de exigências competitivas, o fluxo de jogadores africanos para a Europa intensificou-se e complexificou-se com a diversidade de origens e destinos.

A proliferação de escolas de formação de futebolistas em África, o trabalho de *scouting* na busca de novos talentos, bem com os inúmeros agentes representantes de jogadores, promotores das suas transferências, contribuíram para o aumento significativo dos futebolistas africanos em muitos das ligas europeias, em particular a francesa. Segundo Paul Darby (2006) essa situação deve-se à condição de dependência do futebol africano, o qual, de forma idêntica a outras periferias, se constitui como reserva a que recorrem os clubes europeus. Também Raffaele Poli (2008) argumenta que essa reserva de futebolistas resulta das vantagens comparativas que África detém em termos de quantidade/qualidade/custo de formação de jogadores disponíveis para migrarem para a Europa. Nesse sentido, a transferência de futebolistas africanos para a Europa é vista como uma perda, interpretada como um *muscle drain*, num processo idêntico ao da “fuga de cérebros” mas aplicado ao universo desportivo (Andreff, 2009). A este propósito, em 1998, Issa Hayatou, então presidente da Confederação Africana de Futebol afirmava, “A elite do futebol africano está fora do continente, daí o empobrecimento dos clubes o que tem como efeito o decréscimo de qualidade do jogo e de muitos dos campeonatos nacionais. Clubes prestigiados são regularmente privados dos seus melhores jogadores, e mesmo os juniores não escapam à voragem de recrutamento dos agentes que se aproveitam da venalidade dos dirigentes” (in Darby, 2000:48). Situação que se acentuou nos últimos anos, pelo que o futebol é expressão de uma *colonialidade* na qual os países centrais mantêm um sistema de exploração noutras partes do mundo.

A EXPRESSÃO POLÍTICA DO FUTEBOL E O EXERCÍCIO DE FASCISMOS SOCIAIS

Muitos dos discursos em torno do desporto atribuem-lhe um estatuto político, remetendo

para uma imagem funcionalista de harmonia e paz social ao nível dos encontros desportivos. No entanto, a intensificação da competição a uma escala mundial, com o conseqüente encontro de equipas que representam comunidades ou Estados, tornou inevitável a existência de uma dimensão política a mediar esta forma de relacionamento internacional. Por outro lado, a metamorfose da actividade desportiva em actividade económica, a sua valorização enquanto forma de expressão cultural, e a democratização da prática e do espectáculo, bem como a sua inserção no meio social, transformaram a interação desporto-política numa relação assumida pelos dois universos em causa.

Ao longo da história do futebol são muitas as situações em que o jogo se tornou espaço de recreação ideológica. Aconteceu na Itália de Mussolini, onde o futebol foi utilizado como instrumento de exibição da exuberância do fascismo. Aconteceu nos regimes comunistas do Leste europeu, em que apesar de considerarem o futebol como um desporto burguês, não se coibiram de o utilizar para se digladiarem com o mundo capitalista, e mesmo para confronto das várias correntes comunistas internacionais, Aconteceu na Espanha franquista, em que o futebol foi utilizado como instrumento de ligação de um país fragmentado por nacionalismos. Aconteceu em Portugal, em que o “F” de futebol se constituiu como um dos “F’s” em que assentou a trilogia do Estado Novo. Aconteceu com a Argentina do General Videla e o Mundial de 1978. Aconteceu com o Brasil, durante os “anos de chumbo” da ditadura em que a seleção canarina foi utilizada para promoção de uma imagem do regime.

Há também situações em que o futebol se constituiu como cenário de contestação política. Aconteceu em 1937 com a equipa basca Euzkadi, formada por jogadores saídos de vários clubes espanhóis, e que fizeram uma digressão internacional para denunciar o avanço franquista. Aconteceu em 1958 com a deserção de jogadores argelinos do campeonato francês para a criação de uma pretensa equipa nacional da Argélia. Verificou-se durante o período franquista, com alguns clubes, nomeadamente o Athletic de Bilbao e o FC Barcelona, a constituírem-se como lugares de afrontamento político e afirmação de nacionalismos. Sucedeu em 1969, quando no jogo do Final da Taça de Portugal, os adeptos da Académica de Coimbra utilizaram as bancadas para contestar o fascismo português.

Na atualidade, a relação promiscua entre o futebol e a política não esmoreceu, desenvolvendo-se agora de formas mais subtis, cumprindo outros objetivos, sob um estado de *fascismo social*. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2003:21 e ss) o fascismo social corresponde a uma forma inaudita de fascismo produzido pela sociedade, e com carácter civilizacional, em que através da trivialização da democracia são produzidos fascismos segregacionistas, paraestatais, de insegurança, e financeiros, que conduzem a formas de exclusão particularmente severas e potencialmente irreversíveis. O estado de exceção que foi exigido pela FIFA à sociedade brasileira como condição para a realização do Campeonato do Mundo, é revelador da condição desse *fascismo social* resultante do contexto futebolístico.

Ainda durante a fase de organização, o secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, afirmava que

“menos democracia é melhor para se organizar um Campeonato do Mundo”, e por isso será mais fácil na Rússia de Putin, do que foi na Alemanha onde tudo tinha de ser negociado.⁵ No Brasil, a Lei Geral da Copa aprovada pela Câmara de Deputados para regular o Campeonato do Mundo de 2014,⁶ instituiu um estado de exceção no qual a democracia foi afetada de diferentes formas. O Comité Popular da Copa,⁷ denunciou várias dessas situações: a) remoções forçadas de habitações, afetando cerca de 170 mil pessoas em todo o Brasil, para incorporação de novos espaços à exploração comercial das empresas que adquiriram as concessões dos estádios; b) negação de direitos sociais de cidadania, nomeadamente restringindo o direito de acesso a determinados espaços, ou até mesmo prevendo-se a suspensão do direito à greve; c) redução da dimensão dos estádios e o preço elevado dos bilhetes contribuiram para a ausência das classes populares nos jogos do Mundial, potenciando ainda mais a estratificação social; d) proibição de manifestações culturais brasileiras nas imediações dos estádios, ficando esses espaços para exibição exclusiva das marcas patrocinadoras da FIFA. Todas estas situações, ainda que com carácter excecional, revelam a imposição de novas formas de dominação e exploração, suspendendo os termos do contrato social, em concreto a igualdade, justiça, solidariedade e universalidade, paradoxalmente toleradas e enquadradas legalmente por um Estado democrático, o que constitui expressão do *fascismo social* (Santos: 2003:20).

É importante referir que não é propriamente o jogo de futebol que se converteu numa forma de fascismo supressor de direitos, mas sim o conjunto de estâncias públicas e privadas que o regulam, e que acabam por estender a sua influência e poder para lá do terreno de jogo. No entanto, os protagonistas do jogo, ao não se manifestarem, tornam-se cúmplices desses fascismo.

O FUTEBOL COMO JOGO DE ESTRATÉGIA CAPITALISTA

As condições que propiciaram a emergência do futebol no século XIX, suscitaram uma contradição rapidamente superada. Por um lado, o futebol desenvolveu-se sob o conceito de *sport*, assumido pela aristocracia, fundamentando-se numa conceção elitista de jogo, associada aos valores do amadorismo e da cultura física, desenvolvidos essencialmente nos colégios e universidades. Por outro lado, um entendimento amplo de desporto, concebido simultaneamente como objeto de consumo por parte do operariado, e como espaço estratégico de jogo económico por parte das empresas, as quais tornaram inevitável o profissionalismo.

Efetivamente, num contexto de intensas lutas de classes e da avassaladora força da lógica capitalista, a conceção elitista de desporto ficou reservada a uma minoria. O futebol foi das modalidades que mais rapidamente superou esta contradição, convertendo-se num

5 Página Web do Estadão, <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,e-mais-facil-organizar-uma-copa-com-menos-democracia-diz-valcke.1025076> [consulta a 14 de Maio de 2014].

6 A Lei Geral da Copa aplicou-se também à Taça das Confederações FIFA 2013, e à Jornada Mundial da Juventude 2013.

7 Página Web do Comité Popular da Copa, <http://www.portalpopulardacopa.org.br/> [consulta a 3 de junho de 2014].

produto de consumo massificado propiciado pela conquista do tempo de lazer por parte do operariado. Ou seja, a partir do momento em que o tempo laboral perdeu o seu exclusivo sobre o tempo social dos indivíduos, criou condições para o aparecimento do tempo de lazer (De Coster e Pichault, 1985:75), servindo o futebol como distração e ocupação do contingente de trabalhadores “ociosos”. Por consequência, os industriais financiaram as competições para que seus operários se distraíssem com o futebol e não com os movimentos sindicais e socialistas que os assediavam. Para além disso, os complexos industriais, percebendo o potencial publicitário do futebol, financiaram equipas que se constituíram como representantes dessas mesmas empresas. Assim nasceu a profissionalização dos jogadores e o financiamento dos clubes.

O futebol rapidamente se converteu em algo mais do que um desporto, sendo também um campo de competição económica, num processo contínuo de intensidade que quase se naturalizou no atual momento. No futebol contemporâneo, os clubes converteram-se em empresas, os dirigentes em gestores, os jogadores em trabalhadores, e os adeptos em clientes, num jogo em que para além dos resultados desportivos se procuram maximizar ganhos financeiros, potenciados pela comunicação social e pelas transmissões televisivas (Nolasco, 2013:11).

Nos anos 90 verificou-se uma significativa alteração na relação do futebol com a economia. As competições organizaram-se no sentido de se tornarem mais racionais em termos económicos. Separaram-se a vertente profissional da vertente amadora, através da criação de ligas. Os clubes criaram sociedades anónimas e tornaram-se entidades cotadas em bolsa. Potenciou-se a relação com as televisões no sentido de obter maiores dividendos. Em 1995 com a decisão do caso Bosman,⁸ o futebol foi definitivamente assumido como atividade económica, o que implicou a liberalização do mercado de transferência de jogadores. Os jogadores, para além de trabalhadores, tornaram-se mercadorias transacionadas entre clubes.

Um exemplo que ilustra o desenvolvimento da lógica capitalista no futebol é a migração internacional de jogadores. Em 2012 o total de transferências internacionais de jogadores foi de 11552 (FIFA, 2013), sendo que mais de 56% de saídas e 55% das entradas de jogadores ocorreram na Europa, o que não é de estranhar tendo em consideração a centralidade do futebol europeu num pretenso sistema mundo futebolístico.⁹ América do Sul e África revelam um saldo migratório negativo, sendo essencialmente marcadas pela saída de jogadores, o que revela um intenso processo de *deskilling*, que serve os interesses dos clubes centrais

8 Caso que resultou da resolução do Tribunal Europeu, em 1995, relativamente a questões interpostas por Jean Marc Bosman, que terminou com as limitações de futebolistas comunitários no espaço da União Europeia e colocou termo às indemnizações de desvinculação sempre que um jogador em final de contrato mudava de clube

9 Este conceito remete para a conceitualização de *sistema mundo* de Immanuel Wallerstein, o qual concebe o mundo como um único sistema de natureza capitalista, onde todos os espaços com as suas condições económicas, políticas e culturais estão desigualmente integrados num contínuo de periferias, semiperiferias e centro. O sistema mundo futebolístico não é uniforme, coerente nem tão pouco coincidente com os espaços coincidente com os espaços do centro e das periferias convencionais, no entanto reproduz muitas das suas tendências (Taylor, 2006:16).

deste sistema. Numa observação mais detalhada, Portugal encontra-se entre os cinco países com mais jogadores estrangeiros na liga nacional, e que mais jogadores tem emigrados. Esta circunstância revela uma lógica de funcionamento em placa giratória, em que jogadores estrangeiros e portugueses entram e saem do país em função de estratégias diversas, nomeadamente: os clubes nacionais funcionarem como trampolim para os futebolistas estrangeiros irem para outros campeonatos europeus; os jogadores portugueses imigrarem por não terem espaço laboral nos clubes nacionais, e ao mesmo tempo terem procura internacional; e ainda, os dirigentes desportivos desenvolverem estratégias de gestão que consistem na contratação de jogadores por baixos valores para uma posterior transferência internacional por valores mais elevados (Nolasco, 2013). Todo este processo migratório de jogadores resulta de medidas liberalizadoras do mercado de transferências, implementadas nos anos 90, e que converteram os jogadores em mercadorias, apropriadas por agentes e transacionadas entre clubes à escala global.

EM BUSCA DE OUTRO FUTEBOL

O futebol não é um jogo simples, ou dito de outra forma, não é um simples jogo de pontapés numa bola. Sem colocar em causa a essência ética e estética que lhe está subjacente, constata-se que o futebol se converteu num jogo complexo pelas múltiplas dimensões que foi acumulando.

Em face desta complexidade, o futebol contemporâneo patenteia diversos “traços de personalidade”. Em primeiro lugar, revela-se um *imperativo de vitória*, em que ganhar se impõe não apenas pelos resultados desportivos mas também por todos os dividendos económicos que daí advém, o que por sua vez potencia a capacidade competitiva e as inerentes possibilidades de vitória, num ciclo vicioso que se eterniza. Por consequência, o futebol é marcado por uma *competitividade enviesada*, em que são os mesmos clubes que, em diferentes escalões, ganham sempre. Ou seja, quer ao nível de seleções nacionais, de competições internacionais de clubes e campeonatos nacionais verifica-se que, ainda que com algumas exceções, os vencedores dos torneios reduzem-se a um grupo restrito, servindo os perdedores para compor a competição e fazer a apologia dos grandes. Esta situação não impede a existência de uma *competitividade suspeita*, em que se questiona se os campeões são-no efetivamente, ou são-no porque subvertem as regras do jogo em proveito próprio, através de jogadas de bastidores, de corrupção ou da quebra do *fair play* financeiro. Um *jogo previsível*, em que para além do resultado provável, sucede uma racionalização técnica e tática que torna o jogo monótono, e no qual o calculismo tolhe a imprevisibilidade e a criatividade. Um *jogo racista*, em que as discriminações e insultos raciais são cada vez mais frequentes por parte dos adeptos, mas também entre jogadores no terreno de jogo.¹⁰ O futebol é também

10 Dada a pertinência e mediatismo desta temática, importa referir que a generalidade das abordagens académicas sobre racismo e futebol tende a interpretar o fenómeno como consequência de comportamentos antissociais de grupos de adeptos, nomeadamente *hooligans*, extremistas ideológicos e nacionalistas. No entanto, como refere Pedro Almeida (2012:109), para um entendimento mais abrangente deste racismo, é preciso relacioná-lo com a expansão europeia e imposição colonial. A

marcado pelo *totalitarismo*, em que através de uma estrutura orgânica piramidal, com várias estâncias de regulação, todas subordinadas à FIFA, se impõe um sistema jurídico/desportivo que não permite contestação sob risco de exclusão. A expressão social do futebol faz com que se constitua como um *modelo social global*, ou seja, como um fenómeno que canibaliza outras formas de expressão social, retirando-lhes visibilidade, ou colonizando-as através da reprodução de especificidades que lhe são inerentes. A estas características outras podem ser aduzidas, e muitas delas não são novas, sendo que o que constitui novidade é a intensidade com que se manifestam na atualidade.

Num momento de questionamento crítico das sociedades contemporâneas, em que se colocam perguntas fortes ao modelo político e económico dominante e ao paradigma epistemológico hegemónico, o futebol enquanto produto e expressão desse contexto, não pode deixar de ser questionado. Assim, levanta-se a questão sobre o que o futebol poderia ser, mas não é? Poderá o futebol ser expressão de emancipação social de culturas e povos? Poderá contribuir para uma ética diferente? Poderá contribuir para a harmonia social? Para a paz política? Para o fim da relação desequilibrada entre os povos? Permite o futebol uma outra gramática da dignidade humana? Um outro futebol é possível?

Sem resposta imediata para todas estas questões, parece no entanto poder-se afirmar que um outro futebol é possível. O futebol que foi aqui objeto de análise foi o da alta competição, dos jogadores profissionais, dos estádios e das transmissões televisivas. Apesar dos apelos, slogans e campanhas promovidos pelas entidades futebolísticas,¹¹ esse futebol, tal como todos os produtos da modernidade parece encontrar-se esgotado. Mas há outras formas do futebol acontecer, marcadas pela informalidade e espontaneidade, sem a pressão de interesses políticos nem económicos, disputadas em espaços improváveis. Por exemplo, antes do Mundial do Brasil, foi organizada a “Copa Popular”, na qual equipas de moradores das comunidades afetadas pelas políticas de expropriação de terrenos utilizaram o futebol como contestação. Na busca deste futebol alternativo e emancipatório, basta olhar para o *sul*, seja esse *sul* epistemológico, geográfico ou interior.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Pedro (2012), “Futebol, racismo e eurocentrismo. Os média portugueses na cobertura do Campeonato Mundial de Futebol na África do Sul”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 103-124.

Andreff, Wladimir (2009), “The economic effects of ‘muscle drain’ in sport”, *Birkbeck Sport Business Centre Research Paper Series*, 2(2), 9-31.

Bambuck, Roger (1996), «Pour un Sport Démocratique», *Manière de Voir*, 30, 92-94.

este propósito ver *No futebol, o racismo continua a marcar golos*, <http://www.publico.pt/desporto/noticia/no-futebol-o-racismo-continua-a-marcar-golos-1635152> [consulta a 9 de maio de 2014].

11 Por exemplo, uma das mais recentes e mediáticas campanhas é a “No to racism”, <http://www.uefa.org/social-responsibility/respect/no-to-racism/index.html> [consulta a 15 de novembro de 2014].

Coelho, João; Pinheiro, Francisco (2002), *A paixão do povo. História do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.

Darby, Paul (2000), "Africa's place in FIFA's global order: a theoretical frame", *Soccer & Society*, 1(2), 36-61.

Darby, Paul (2006), "Migrações para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial", *Análise Social*, 179, 417-433.

De Coster, Michel e François Pichault (1985), *Le Loisir en Quatre Dimensions*. Bruxelas: Editions LABOR.

Domingos, Nuno (2006), "Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: o caso moçambicano", *Análise Social*, 179, 397-416.

Elias, Norbert; Dunning, Eric (1992), *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

FIFA (2013), *Global Transfer Market 2012 – Highlights*. Zurique: FIFA.

Goldblatt, David (2008), *The ball is round: a global history of soccer*. Londres: Pinguin.

Grosfoguel, Ramón (2008), "Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-colonais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 115-147.

Guttmann, Allen (1994), *Games & empires. Modern sport and cultural imperialism*. Nova Iorque: Columbia University Press.

Hill, Lloyd (2009), "Football as code: the social diffusion of 'soccer' in South Africa", *Soccer & Society*, 11(1), 12- 28.

Hödl, Gerald (2006), "The second globalisation of soccer". Funders Network on Transforming the Global Economy. <http://www.fntg.org/news/index.php?op=read&articleid=1237> [16 de março de 2010].

Lanfranchi, Pierre; Taylor, Matthew (2001), *Moving with the ball. The migration of professional footballers*. Oxford: Berg.

Morris, Desmond (1981), *A tribo do futebol*. Mem Martins: Europa-América.

Nolasco, Carlos (2001), "As Jogadas Jurídicas do Desporto ou o Carácter Pluralista do Direito do Desporto". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 60, 141-169.

Nolasco, Carlos (2013), *Fintar Fronteiras. Migrações Internacionais no Futebol Português*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Poli, Raffaele (2008), *Production de footballeurs, reseaux marchands et mobilités professionnelles dans l'économie globale. Le cas de joueurs africains en Europe*. Tese de

doutoramento, Université de Neuchâtel.

Ramonet, Ignacio (1998), «Un Fait Social Total», *Manière de Voir*, 39, 6-7.

Rinke, Stefan (2007), “¿La última pasión verdadera? Historia del fútbol en América Latina en el contexto global”, *Iberoamericana*, VII (27), 85-100.

Santos, Ana (2004), “Eusébio, o processo de construção de um ícone da nação”, *Manifesto*, 6, 80-91.

Santos, Boaventura de Sousa (1988), *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (1997), “Por uma concepção multicultural dos direitos humanos”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 48, 11-32.

Santos, Boaventura de Sousa (2003), “Poderá o direito ser emancipatório”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 65, 3-76.

Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.) (2009), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.

Taylor, Matthew (2006), “Global players? Football, migration and globalization, c. 1930-2000”, *Historical Social Research*, 31(1), 7-30.